

SUMÁRIO

Prefácio	11
Parte I:	
Alguns caminhos para o liberalismo na história recente	
1. Introdução	15
2. A ligação histórica entre o liberalismo e a aprovação da ordenação de mulheres na igreja	23
Parte II:	
Pontos de vista dos feministas evangélicos que enfraquecem ou negam a autoridade da Escritura	
Introdução à Parte II	31
3. A afirmação de que Gênesis está errado	33
<i>Alguns feministas evangélicos negam a autoridade ou a veracidade de Gênesis 1-3</i>	
4. A afirmação de que Paulo estava errado	41
<i>Alguns feministas evangélicos dizem que Paulo estava errado.</i>	
5. A afirmação de que alguns versículos encontrados em todos os manuscritos antigos de 1 Coríntios não fazem parte da Bíblia	47
<i>Alguns feministas evangélicos dizem que há versículos que estão em todos os manuscritos antigos de 1 Coríntios e não fazem realmente parte da Bíblia.</i>	
6. “Acontecimentos posteriores” sobrepujam a Escritura	51
<i>Alguns feministas evangélicos dizem que nossa autoridade máxima é encontrada não no que está escrito na Escritura, mas nos desenvolvimentos posteriores que vieram após a Bíblia.</i>	
7. “Movimento redentor” ultrapassa a Escritura	61
<i>Alguns feministas evangélicos adotam a interpretação dada pelo “Movimento Redentor”, de William Webb, e colocam em dúvida todas as ordenanças éticas do Novo Testamento.</i>	
8. É somente uma questão de escolher nossos versículos favoritos?	75
<i>Alguns feministas evangélicos afirmam que nossa posição quanto aos papéis dos gêneros depende justamente das passagens bíblicas que escolhemos priorizar.</i>	

9.	Podemos simplesmente ignorar as passagens “polêmicas”?	81
	<i>Alguns feministas evangélicos silenciam as mais importantes passagens da Bíblia sobre os papéis dos homens e das mulheres dizendo que elas são “polêmicas”.</i>	
10.	A autoridade do pastor prevalece sobre a autoridade da Escritura?	93
	<i>Alguns feministas evangélicos dizem que a mulher pode ensinar se estiver “debaixo da autoridade” dos pastores ou presbíteros.</i>	
11.	O ensino na organização paraeclesial	97
	<i>Alguns feministas evangélicos fogem dos mandamentos do Novo Testamento, dizendo: “Nós não somos uma igreja”.</i>	
12.	A tradição triunfa sobre a Escritura	103
	<i>Alguns feministas evangélicos colocam a tradição da igreja acima da Bíblia.</i>	
13.	A experiência triunfa sobre a Escritura	107
	<i>Alguns feministas evangélicos colocam a experiência acima da Bíblia.</i>	
14.	O “chamado” triunfa sobre a Escritura	117
	<i>Alguns feministas evangélicos colocam um sentido subjetivo de “chamado” acima da Bíblia.</i>	
15.	“Profecias” triunfam sobre a Escritura	121
	<i>Alguns feministas evangélicos colocam as profecias contemporâneas acima da Bíblia.</i>	
16.	Circunstâncias prevalecem sobre a Escritura	125
	<i>Alguns feministas evangélicos colocam circunstâncias específicas acima da Bíblia.</i>	
17.	A afirmação de que uma passagem histórica não passa de brincadeira	129
	<i>Alguns feministas evangélicos anulam a passagem bíblica segundo a qual Sara obedece a Abraão, e eles dizem que a intenção foi de produzir humor.</i>	
18.	As conseqüências de se rejeitar a autoridade da Bíblia dessas maneiras	133

Parte III:

Pontos de vista dos feministas evangélicos baseados em alegações falsas ou sem fundamentos

	Introdução à Parte III	137
19.	Mulheres barulhentas, em Corinto?	141
	<i>Alguns feministas evangélicos alegam que Paulo mandou as mulheres “permanecerem caladas”, porque elas estavam atrapalhando os cultos na igreja.</i>	
20.	Mulheres proprietárias de casas, como presbíteras?	145

Feministas evangélicos afirmam que as mulheres proprietárias de casas eram supervisoras (ou presbíteras) nas igrejas primitivas.

21. Mulheres diaconisas com autoridade? 147
Feministas evangélicos alegam que as mulheres diaconisas tinham autoridade de governar na história da igreja primitiva.
22. Mulheres sem treinamento em Éfeso? 149
Feministas evangélicos alegam que Paulo ordenou às mulheres de Éfeso que não ensinassem ou exercessem autoridade sobre os homens, porque elas não haviam recebido instrução e, portanto, não eram qualificadas para isso.
23. Mulheres ensinando falsa doutrina em Éfeso? 155
Feministas evangélicos alegam que Paulo ordenou às mulheres em Éfeso que não ensinassem ou exercessem autoridade sobre os homens, porque elas estavam ensinando falsa doutrina.
24. Mulheres ensinando uma heresia gnóstica em Éfeso? 161
Feministas evangélicos alegam que Paulo ordenou às mulheres em Éfeso que não ensinassem ou exercessem autoridade de homem especificamente porque elas estavam ensinando uma heresia gnóstica que dizia que Eva foi criada antes de Adão.
25. “Cabeça” significa “fonte”? 165
Feministas evangélicos alegam que a palavra grega kephalē (“cabeça”) geralmente significa “fonte”, não “autoridade”.
26. Significados estranhos para “autoridade” – eles estão corretos? 169
Feministas evangélicos alegam que a palavra grega authenteō (exercer autoridade) pode significar “assassinato” ou “cometer violência” ou “proclamar-se autor de um homem” ou poderia até mesmo ter um significado sexual vulgar.
27. O Filho não está subordinado ao Pai na Trindade? 175
Feministas evangélicos alegam que a doutrina da subordinação eterna do Filho ao Pai na Trindade é contrária à doutrina ortodoxa histórica.
28. Mulheres bispas na igreja primitiva? 181
Um feminista evangélico alega que a pintura em uma catacumba mostra uma mulher bispa do começo da igreja em Roma.
29. Essas dez alegações falsas ou inconsistentes também enfraquecem a autoridade da Escritura 185

Parte IV:

Para onde o feminismo evangélico está nos levando?

30. O próximo passo: a negação de tudo o que seja exclusivamente masculino 189

31. Outro estágio problemático: Deus, nossa mãe	193
32. O estágio final: a aprovação do homossexualismo	199
33. Alguns complementaristas ajudam os feministas evangélicos ao serem áspersos, maldosos ou abusivos	209
34. Alguns complementaristas ajudam os feministas evangélicos ao agirem covardemente ou silenciarem	211
35. Lugares onde o feminismo evangélico já tem muita influência	213
36. Finalmente, o que está em risco: a Bíblia	217
Índice geral	
Índice das Escrituras	



A LIGAÇÃO HISTÓRICA ENTRE O LIBERALISMO E A APROVAÇÃO DA ORDENAÇÃO DE MULHERES NA IGREJA

Quando olhamos para o que aconteceu na última metade do século 20, pode se ver uma ligação clara entre o liberalismo teológico e a aprovação da ordenação de mulheres. Em um importante estudo sociológico publicado pela Harvard University Press, Mark Chaves traça a história da ordenação de mulheres em várias denominações nos Estados Unidos.¹ A partir do estudo de Chaves, podemos observar um padrão entre as principais correntes das denominações protestantes cuja liderança é dominada pela teologia liberal (ou seja, aqueles que rejeitam a idéia de que toda a Bíblia é a Palavra de Deus e é verdadeira em todas as suas afirmações).²

Chaves apontou as datas quando a ordenação de mulheres foi aprovada em cada uma dessas denominações:

Methodist Church	1956
Presbyterian Church (USA)	1956 (norte), 1964 (sul)
American Lutheran Church	1970
Lutheran Church in America ³	1970
Episcopal Church	1976 ⁴

Chaves observou um exemplo interessante ocorrido com a Southern Baptist Convention (SBC). Em 1964, a SBC aprovou a ordenação de mulheres (ou seja, uma congregação local ordenou uma mulher e essa ação não foi revogada pela denominação em si). Porém, em 1964, a liderança da denominação e o controle dos seminários estavam nas mãos de liberais “moderados” (termo usado pela SBC para aqueles que não professam a inerrância bíblica).

No entanto, em 1984, após os conservadores retomarem o controle da SBC, a denominação aprovou uma resolução afirmando: “encorajamos o serviço das mulheres em todos os aspectos da vida e obra da igreja *com exceção das funções pastorais e papéis de lideranças que envolvam ordenação*”.⁵ Isso significa que, quando os conservadores defensores da inerrância da Bíblia retomaram a denominação, esta revogou sua permissão anterior para ordenar mulheres.⁶

Chaves fez uma lista das datas da aprovação da ordenação de mulheres em algumas denominações que não são completamente dominadas pelo liberalismo teológico, mas são amplamente tolerantes com o liberalismo e têm professores em seus seminários e oficiais denominacionais que mudaram de modo significativo para o liberalismo. (Essas classificações de posições doutrinárias denominacionais não foram feitas por Chaves, ele apenas listou as datas e as denominações; estas são minhas considerações.) Considere as seguintes denominações:

Mennonite Church	1973
Evangelical Covenant Church	1976
Reformed Church in America	1979

Outro exemplo ocorrido após Chaves ter terminado seu livro foi o da Christian Reformed Church, a qual, em 1995, aprovou a ordenação de mulheres.⁷ Chaves observou, no entanto, que a Christian Reformed Church “mudou sua posição oficial afastando-se da inerrância somente em 1972”.⁸

Existe algum tipo de denominação que seja resistente à ordenação de mulheres? Chaves mostrou os seguintes resultados desse estudo:

Dois grupos de denominações são particularmente resistentes à ordenação de mulheres: denominações que praticam rituais sacramentais e *denominações que aprovam a inerrância bíblica*... Denominações que crêem na inerrância bíblica são ... resistentes à igualdade formal dos gêneros.⁹

Por “denominações que praticam rituais sacramentais”, Chaves se refere especialmente à Católica, Ortodoxa do Leste, e denominações episcopais, as quais consideram que o padre está no lugar de Cristo na Ceia do Senhor. Chaves pensa que isso explica por que a Episcopal Church foi mais tardia em admitir a ordenação de mulheres comparando com outras denominações. Mas ele observa que, para as “denominações que crêem na inerrância da Bíblia”, o argumento de que a Bíblia proíbe a ordenação de mulheres é de longe o argumento mais persuasivo.¹⁰

Penso que a observação de Chaves que as “denominações que crêem na inerrância da Bíblia” são “particularmente resistentes à ordenação de mulheres”

pode ser reforçada se considerarmos três denominações muito influentes nos Estados Unidos: a Lutheran Church-Missouri Synod (LCMS), a Presbyterian Church in America (PCA) e a Southern Baptist Convention (SBC). Todas as três têm as seguintes características em comum:

1. elas lutaram batalhas importantes contra o liberalismo recentemente o suficiente para que tais conflitos ainda sejam parte das memórias pessoais dos líderes;
2. esses líderes reconhecem que os grupos liberais dos quais eles se separaram agora promovem agressivamente a ordenação de mulheres (a Evangelical Lutheran Church in America, a Presbyterian Church-USA, e a Cooperative Baptist Fellowship [CBF]);
3. esses líderes e suas denominações opõem-se fortemente à ordenação de mulheres.

Na Southern Baptist Convention, os conservadores que concordam com a inerrância retomaram o controle da denominação após um período de dez ou quinze anos começando em 1979.¹¹ Em 2000, a SBC acrescentou uma provisão formal em sua declaração doutrinária, afirmando que “o ofício de pastor está limitado aos homens qualificados conforme a Escritura” (artigo 6 da “The Baptist Faith and Message”).

A Lutheran Church-Missouri demitiu, em 1974, o presidente do Concordia Seminary, em Saint Louis, medida que logo levou à irritada renúncia de 45 dos 50 membros da diretoria do seminário, removendo a maioria da influência do liberalismo teológico que negava a completa veracidade das Escrituras.¹²

Ainda outro exemplo é a Presbyterian Church in America, a qual foi formada quando os conservadores deixaram a Southern Presbyterian Church, mais liberal, em 1973.¹³

No caso de cada uma dessas três denominações, as pessoas que atualmente ocupam posições de liderança recordam as dificuldades que tiveram com o liberalismo teológico, e lembram de que uma defesa igualitarista da ordenação de mulheres caminha de mãos dadas com o liberalismo teológico.

Outro exemplo da ligação entre tendências pró-liberalismo e a ordenação de mulheres é o Fuller Theological Seminary, em Pasadena, Califórnia. Embora o Fuller começasse como um seminário evangélico conservador, ele removeu a doutrina da inerrância bíblica de sua profissão de fé em 1971, de modo que hoje existe uma grande influência do liberalismo teológico entre seus membros. Além disso, reina no *campus* uma defesa totalmente alicerçada da ordenação de mulheres – e eu duvido de que o Fuller contrate como professor alguém que defenda outra posição (ou se alguém for contratado mesmo assim, eu duvido de que lhe será permitido expressar publicamente sua oposição à ordenação de mulheres).

Por volta de 1987, o ponto de vista igualitarista estava tão firmemente intrincado no Fuller que mesmo uma declaração acadêmica responsável sob a perspectiva complementarista seria silenciada por uma barreira de protestos. Em maio de 1987, recebi a seguinte carta de um professor do Novo Testamento que havia sido convidado para ministrar um curso no Fuller sobre as Epístolas Pastorais:

O que me fez escrever esta carta foram as aulas de Pastorais que estou ensinando no Fuller... Certamente estou encrencado. Uma senhora deixou a sala, incrivelmente irada. The Women's Concerns Committee enviou uma carta aos meus alunos, afirmando que eu nunca deveria ter tido permissão para ministrar esse curso e que elas iriam tentar censurar quaisquer cursos dentro das linhas de interpretação tradicionais. Foi demais para a liberdade acadêmica e a investigação. Escrevi para o diretor e fiquei interessado em ver como a administração atual iria reagir. Considerei incrivelmente interessante, e inconsistente, que eles permitissem o ensino do universalismo... mas nossa visão das mulheres, na referida passagem, deve ser banida.¹⁴

Dois meses mais tarde, recebi outra carta sobre o assunto:

Durante duas semanas e meia fui difamado por todo lado no *campus*. Eu era o assunto principal no quadro de avisos, etc. Foi realmente uma confusão... A grande maioria das cartas era de estudantes que não estavam na sala de aula... duas semanas e meia após o fato... o diretor Dean Meye finalmente me convidou para um jantar... Ele me perguntou se eu estaria interessado em declarar diante da classe qual era a minha real intenção e, sem me humilhar ou retirar o que havia dito, dizer que eu era totalmente responsável pela confusão e pedir desculpas... Assim, eu concordei e tudo correu muito bem... No dia seguinte, Meye recebeu uma enxurrada de cartas e visitas dos meus alunos que estavam muito preocupados com o comitê e com o modo que lidaram com a situação... Meye nunca se desculpou, nunca disse que ele ou a escola haviam agido de modo impróprio, ou se algo fora mal conduzido, exceto que eu tive permissão de ensinar o que ensinei. Ele me acusou de atos covardes, como de dar maior ênfase ao apresentar meus pontos de vista em detrimento de outros... Pessoas precisam ser avisadas do que acontecerá em suas escolas se uma situação como essa não for adequadamente direcionada.¹⁵

Entretanto, a aprovação da ordenação de mulheres não é o último degrau no processo. Se olharmos para as denominações que aprovaram a ordenação de mulheres, de 1956 a 1976, vamos descobrir que algumas delas, como a United Methodist Church e a United Presbyterian Church (agora denominada Presbyterian Church–USA), têm grandes contingentes pressionando para (a) a aprovação de conduta homossexual como moralmente válida e (b) a aprovação da ordenação de homossexuais. De fato, a Episcopal Church, em 5 de agosto de 2003, aprovou a indicação de um bispo assumidamente homossexual.¹⁶

Em denominações mais liberais como essas, tem sido observada uma seqüência quase previsível (embora apenas a Episcopal Church tenha atingido o ponto 7 da lista):

1. deixar de crer na inerrância da Bíblia;
2. aprovar a ordenação de mulheres;
3. abandonar os ensinamentos da Bíblia sobre o homem como cabeça no casamento;
4. excluir os clérigos que se opõem à ordenação de mulheres;
5. aprovar o comportamento homossexual como moralmente válido em alguns casos;
6. aprovar a ordenação de homossexuais;
7. ordenação de homossexuais para posições de alta liderança na denominação.¹⁷

Não estou afirmando que todos os igualitaristas são liberais. Algumas denominações aprovaram a ordenação de mulheres por outras razões, como uma longa tradição histórica e uma forte ênfase nos dons do Espírito Santo como o requisito mais importante para o ministério (como nas Assembléias de Deus, por exemplo), ou por causa da influência dominante de um líder igualitarista e uma grande necessidade de se relacionar eficazmente com a cultura (como na Willow Creek Association). Mas é inquestionável o fato de que o liberalismo teológico conduz à aprovação da ordenação de mulheres. Embora nem todos os igualitaristas sejam liberais, todos os liberais são igualitaristas. Não há sequer uma denominação ou seminário teologicamente liberal nos Estados Unidos hoje que se oponha à ordenação de mulheres. *Liberalismo e aprovação da ordenação feminina caminham de mãos dadas.*

Da mesma maneira, parece que todas as igrejas liberais que não crêem mais na Bíblia recentemente tiveram exatamente a mesma interpretação da Bíblia em relação aos homens e mulheres, e as igrejas mais conservadoras que se apegam firmemente à inerrância da Bíblia tiveram exatamente a mesma interpretação errada? E também, do mesmo modo, parece que assim que as denominações começaram a abandonar suas crenças na inerrância da Bíblia elas recentemente descobriram novas habilidades e acuidade para interpretar a Bíblia quanto aos papéis dos homens e das mulheres de modo que finalmente chegaram à resposta correta?

De fato, os métodos utilizados hoje pelos feministas evangélicos para interpretar os ensinamentos da Escritura sobre a liderança masculina no lar e na igreja estão minando a autoridade da Escritura em suas igrejas e, dessa maneira, eles contribuem para uma tendência semelhante ao ponto 1 que foi anteriormente dado pelas igrejas mais liberais.

Dedicaremos os capítulos seguintes para a análise desses métodos de corrupção da autoridade da Escritura.